



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃ

Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

Adeantamento



N'UMA TENDA. O DONO:

— Então você manda-me pesar meia arroba de bacalhau e agora safa-se com ele sem pagar?

O FREGUEZ:

— Desconte no proximo assalto.



PALESTRA AMENA

«POR UM OCULO»

«Por um oculo» é o titulo d'um livro que Tito Martins, o ponderado e espirituoso «João Verdades» do «Seculo», acaba de lançar no mercado, a favor de todos nós os que necessitamos de aquietar o espirito com uma leitura desenfafiada e sã. E como «Por um oculo» seja uma atualidade literaria e n'ele se nos depare assunto que bem pode servir para esta palestra, com decidida vantagem para o leitor sobre o que o encarregado da secção poderia versar, aqui transcrevemos com a devida venia, uma deliciosa anedota do mesmo livro.

J. Neutral.

Por um cabelo

Em um hotel de um d'esses centros elegantes internacionais que tanto poderemos colocar na Côte d'Azur, como na Riviera, pois para o caso por igual nos serve a França ou a Italia, succedeu encontrarem-se á mesma mesa um francez e um alemão, tambem por igual ciosos dos creditos dos seus paizes nativos.

Na hora do jantar em que não ha animosidades latentes que resistam á cordialidade ambiente e, portanto, á confraternisação, pelo menos relativa, dos comensaes, apesar do abismo que separava as suas nacionalidades—e deve ter-se em conta que isto se passava a menos de 20 anos da guerra de 70—o francez e o alemão acabaram por conversar um com o outro, como toda a gente. Pessoas educadas, ambos, pois, ao tempo, parece que os alemães ainda não eram todos selvagens, a conversa versou, como é de habito em circumstancias taes, sobre variadissimos assuntos que, naturalmente, tão pouco interessavam um, como o outro... Começando, porém, por falarem apenas para não estar calados, talvez porque algum fosse ou tivesse sido industrial ou comerciante, ou coisa parecida, não tardaram em vir a proposito os recursos e as facultades industriaes de cada uma das respetivas nações.

Estava lançado o pomo da discordia! A conversa não tardou a degenerar em discussão e, muito embora esta ultrapassasse os termos em que poderia produzir-se entre pessoas de qualidade, nem o francez se dispensou de tecer o caloroso elogio da industria franceza, nem o alemão de defender á outrance a industria germanica.

Até que, no mais acedo do dialogo, fazendo sentir ao interlocutor que a Alemanha tão sómente se limitava a copiar o que se fazia em França e a copiar... mal, o primeiro insistiu:

—...Ora o que caracteriza, precisamente, a industria franceza é a originalidade, o genio creador. Da mais insignificante ninharia, de uma coisa de nada, fazemos nós um objeto de arte.

Então, o alemão, modestamente, e não sem um tal ou qual espirito, que o amor pela verdade me aconselha a atribuir de preferencia ao champagne que,

Pessoas a sustentar

A fim de que a distribuição das prometidas pensões aos funcionarios publicos seja feita com equidade, parece que os mesmos vão ser convidados a declarar quantas pessoas têm a sustentar.

O fundo de justiça que preside a esta providencia governamental é evi-



dente: não se darão as pensões segundo as categorias dos funcionarios, nem conforme a antiguidade no serviço—mas segundo o numero de estomagos a encher. E assim haverá, naturalmente probabilidades de acertar, mas probabilidades apenas.

E dizemos «apenas» para que não fique o remorso de não termos avisado a tempo o governo—se não, vejamos:

Fulano declara que tem 10 pessoas a sustentar e Cicrano que tem 5; a Fulano será dada uma subvenção, por exemplo, de 20 escudos e a Cicrano, portanto, de 10 escudos.

Imagine-se, porém, que as 10 pessoas de Fulano têm fastio e das 5 de Cicrano ha uma da capacidade do Chaby e appetite correspondente?

E', pois, falivel o criterio apresentado, não falando em que muitos dos cidadãos não se atreverão a enumerar senão as pessoas que oficialmente lhe pertencem; se na verdade metessem na conta as extra-officiaes, quantos escandalos viriam a lume!

ao tempo, os dois bebiam, arrancando um cabelo da barba disse para o francez:

—«De uma coisa de nada?... Nesse caso faça-me, se é capaz, com este cabelo, uma das suas obras de arte...»

Por sua vez, o outro, sem se desconcertar, arrecadou cuidadosamente o pelo do alemão na carteira e depois de indagar, do ex-proprietario do mesmo pelo, onde era a sua residencia habitual, pois que o jantar ia findo, separou-se d'ele respondendo-lhe, apenas, cam um aperto de mão:

—«Terá noticias da industria franceza...»

De facto, um ou dois mezes decorridos, o nosso alemão que esquecera por completo o incidente do hotel, recebia em Berlim, pelo correio, um pequenino estojo procedente de Paris e sem indicação de remetente, o que não pouco o surpreendeu.

POLICIA

Vão ser preenchidas 250 vagas no corpo da policia de Lisboa, devendo os concorrentes, ao que lêmos, satisfazer entre outras ás seguintes condições:

1.^a—Ter mais de 21 anos de idade e menos de 30.

2.^a—Ter boa apparencia e robustez...

Está-se a vêr, pela 2.^a condição, que interveiu no caso a sopeira de quem as redigiu!

Afirmiação temeraria

Reclamando contra a falta de iluminação nas ruas da capital, um periodico, no entusiasmo do estilo, diz o seguinte: «Lisboa tem sido até aqui honesta e civilisada...»

Pois já se vê que tem. A não ser uns simples casos de fachadas—duas a tres duzias por dia—uns vinte a trinta roubos, igualmente diarios, o jogo em dezenas de casas, a linguagem das varinas, as exclamações pitorescas dos carroceiros, o lixo aos montes, os ditos espirituosos dos janotas ás senhoras que



passam, os atropelamentos, as pedradas dos garotos nas ruas e outros incidentes tão leves e inofensivos como estes, Lisboa até aqui tem sido efetivamente honestissima e civilisadissima...

E' por isso que todos andavamos contentes como ratos.

Isso não impediu, porém, que o abrisse, antes concorreu para que tal fizesse com maior curiosidade, deparando, então, com um magnifico alfinete de gravata, artisticamente cinzelado em ouro e representando a aguia heraldica alemã, das garras da qual pendiam, suspensas nas duas extremidades de um cabelo, outras tantas microscopicas esferas em que se lia: n'uma *Alsacia*; na outra *Lorena*.

Por baixo, em guisa de legenda ou inscrição tambem heraldica, estas palavras:

«Presás por um cabelo...»

Deixara de ser anonima a encomenda, para o alemão, que a estas horas, se é que ainda vive, terá de reconhecer, pelo menos de si para comsigo, que não só a arte franceza é creadora, como d'aquela vez tambem se manifestara profetica...

TITO MARTINS.

**Nem por isso**

Diz um jornal, na sua secção de re-
clames teatraes, que está para subir á
cena n'um dos teatros uma peça que
«tem 3 atos magnificos, passados em
casa d'uma atriz *chic*, mobilada rica-
mente».

Sem termos grande intimidade com
a referida atriz, podemos assegurar
que não é mobilada com tanto luxo
como o reclamista diz: a mobilia
não é má, mas nem por isso é muito
estofada.

À nossa reportagem

Infelizmente não pode ser tão com-
pleta como desejaríamos a reportagem
do *Seculo Comico*, na viagem do sr.
presidente da Republica ao Porto, Bra-
ga e Guimarães. A exemplo dos jor-
naes sérios, o nosso semanario humo-
ristico destacou para o norte o melhor
dos seus reporters: o Manecas, mas a
imprudencia d'este, devida aos seus
poucos anos, provocou um lamentavel
incidente.

Pedimos, por isso, mil desculpas aos
nossos leitores, a quem só podemos
oferecer quatro telegramas do pequeno.

Santarem—Toda a cidade e arredores
nagare. Manifestações imponentes.
Discursos afirmando que n'estas dez
leguas em redondo nunca houve demo-



craticos, apesar dos boatos que ha anos
corriam. Está demonstrado que, afinal,
era pêta.—M.

Entroncamento—Milhares de pessoas
na estação. Cumprimentos calorosissi-
mos. O povo d'esta região assegura
convicto que o sr. Afonso Costa nunca
existiu.—M.

Coimbra—Loucura, entusiasmo sem
limites. Interrogué varias pessoas ácer-
ca de Afonso Costa: estranharam e
apenas duas aventaram a opinião de
que talvez se tratasse de algum ser
anti-diluviano.—M.

Porto—Festa indescrevível: parecia
milagre da Fatima. Atravi-me a falar
em Afonso Costa, pelo que não posso
continuar viagem: estou n'uma casa de
saude com 6 costelas partidas e a ca-
beça cosida com pontos naturaes em
27 partes. Tenho para dois mezes de
cama, se escapar. Saudades ao Quim.
—M.

EM FOCO**Americo Durão**

*Não conhecem talvez este sujeito,
(Menino, se a maduros o comparo)
Dotado d'um engenho muito raro
Qual seja o versejar com certo geito.*

*Pois eu vo-lo apresento com respeito,
Que o estro para mim é sempre caro,
Não que o mancebo necessite amparo
Mas porque sou nas letras homem feito.*

*Entra cheio de fé, que muito louvo,
Na lide onde por armas tem a rima,
Uma doce cadencia e estilo novo.*

*Bem dita a luz que, deslumbrante, o anima
E cega a ponto de não vêr que o povo
Só d'aqui a cem anos lê por cima...*

Belmiro.

Livros, livrinhos e livrecos

A menina dos olhos castanhos—É
um romance alegre, do sr. Armando
Ferreira, autor de outros escritos igu-
almente alegres. *A menina dos olhos
castanhos* tem efétivamente graça, me-
nos para um certo Renato, aluno da
Escola de Guerra, que pela dita meni-
na perde o ano escolar e a quem ela
dá com a tampa, academicamente fa-
lando.

É' inútil acrescentar que a *Menina
dos olhos castanhos* foi feita antes da
revolução de 5 de Dezembro; se fosse
depois, a dita menina não se atrevia a
resistir ao Renato!

Ceci tuera celâ

Quando hontem atravessavamos a
Avenida—com as devidas cautelas, é
claro, por via de alguma *ameixa* da
Rotunda para o Tejo ou vice-versa—
encontrámos um gerico que ria a ban-
deiras despregadas em frente de um
automovel parado.

O caso fez-nos especie e posto que
não tivéssemos tido a honra de ser
apresentados ao referido burro, inter-
rogámos:

—Perdão... V. ex.^a a que é que está
achando graça?

—A'quele automovel respondeu.

—Não nos parece...

—Aquele automovel, explicou, pas-
sou centos de vezes por mim, todo so-
berbo, quando eu ia carregado de hor-
taliça para a praça da Figueira. E sal-
picava-me de lama, atrevidamente, bu-
zinando de papo.

—E então?...

E então, acabou-se a gazolina e ago-
ra sou eu que passo por ele a zurrar
altivamente.

N'isto, uma cavaca pertencente a
uma carga de lenha que ia de carroça
poz-se aos pulos, n'uma alegria estra-
nha...

—Que é lá isso, ó senhora cavaca?
perguntámos.

A cavaca:

—Estou-me a rir d'aquele candieiro
de-gaz; d'antes não entrava lenha na



cidade, porque os fogões eram a gaz e
não me julgavam digna de aquecer os
lisboetas e de lhes preparar as comi-
das. Agora pagam-me a peso de ouro e
se eu lhes faltasse tinham de se atirar
á comida crúa...

N'esse momento distraiu-nos a aten-
ção um carapau de gato, que n'uma
canastra, á cabeça de uma varina, sol-
tava grandes gargalhadas por vêr que
ofereciam por ele o que antigamente se
oferecia por um salmão. Não podendo
perder mais tempo continuámos o nos-
so caminho, enquanto o burro dava,
por desprezo, uma parrelha de coices
no automovel.

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

17.^a Parte1.^o Episódio

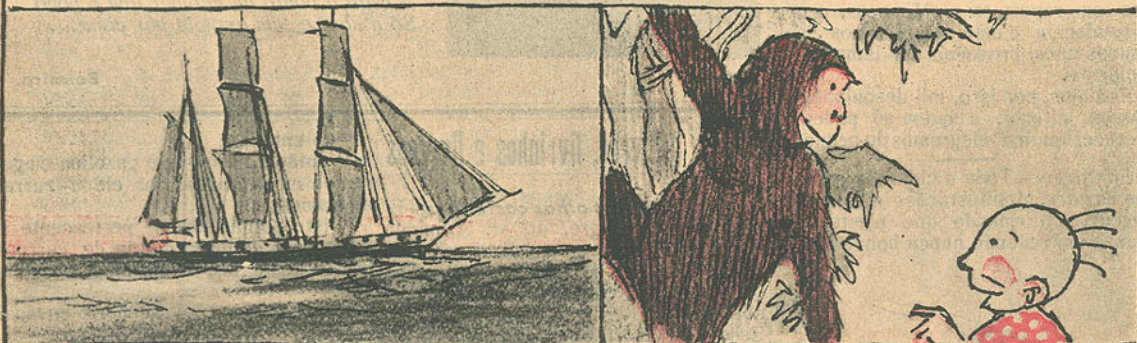
O QUIM E O MANECAS

(Continuação)



1.—Manecas salva-se a nado, depois de sair das tripas do peixe que assassinou, em legítima defesa.

2.—Despe o bibe e faz sinaes a um navio que passa.



3.—O capitão do navio, porém, sabe que aquela ilha é um refugio de *boches* e põe-se ao fresco rapidamente.

4.—Manecas, desanimado, percorre a ilha e encontra um macaco que, por mimica, lhe faz um bom acolhimento.



5.—A' noite, Manecas tem uma larga conferencia com o macacão.

6.—Este vae mostrar-lhe grande quantidade de armamento e munições que os *boches* ali teem guardadas.

(Continua).